



KENT & BARBARA HUGHES



LIBERTANDO
O MINISTÉRIO
DA SÍNDROME
DO SUCESSO



AD
anno domini

INTRODUÇÃO

Algumas pessoas que observavam acharam estranho, e poucas perceberam quando o pastor entrou no estacionamento da igreja dirigindo uma picape emprestada. Mas todos os olhares se voltaram para ele quando engatou a marcha a ré, passando por cima do gramado, e indo até a porta de seu gabinete. Recusando-se a comentar ou aceitar ajuda, ele começou a esvaziar seu escritório, colocando as coisas na caçamba da picape. Ele foi impassível e sistemático: primeiro as gavetas da escrivaninha, depois os arquivos e, por último, seus livros, que atirou descuidadamente, formando uma pilha, muitos deles caindo como pássaros abatidos a tiros. Após terminar a tarefa, o pastor deixou a igreja e, como se soube depois, dirigiu alguns quilômetros até o lixão municipal, onde somou suas coisas ao lixo que ali jazia.

Essa foi a maneira que ele encontrou de deixar para trás a esmagadora sensação de fracasso e perda que sentira no ministério. Aquele jovem pastor cheio de dons estava determinado a nunca mais voltar ao ministério. E, de fato, nunca mais voltou.

Escrevemos este livro por causa dessa história — e de muitas iguais a ela. Estamos preocupados com o moral e a sobrevivência dos que estão no ministério cristão. Pastores, líderes de jovens, evangelistas, professores de escola dominical, ministros leigos, missionários, líderes de estudo bíblico, autores e preletores cristãos, e aqueles que atuam em outras áreas do serviço cristão, frequentemente enfrentam significativas sensações de fracasso, habitualmente alimentadas por expectativas de sucesso mal orientadas.

É verdade que nossas faculdades, universidades e seminários cristãos são anualmente inundados por alunos inteligentes e motivados. Mas também é verdade que, a cada ano, milhares deixam o ministério, convencidos de serem um fracasso, seduzidos por aquilo que William James denominou de modo mordaz de “a deusa cruel do sucesso”.¹

Sabemos como é isso. Nós, também, quase sucumbimos às seduções dela. Mas temos esperança de que o relato de nossa confusão sutil acerca do sucesso, nossa quase ruína e, finalmente, nossa libertação por intermédio da verdade da Palavra de Deus ajudem a libertar outros dessa deusa infeliz.

Este livro é um esforço para encorajar pessoas envolvidas no ministério. É nosso presente àqueles que conosco servem a Deus.

Vinte anos se passaram desde que escrevemos *Libertando o Ministério da Síndrome do Sucesso*. A foto do jovem casal na contracapa da primeira edição desbotou e ficou cinzenta ao longo de quarenta anos de ministério. As lições serviram bem e beneficiaram milhares de pessoas ao longo de dez edições. Recebemos uma avalanche de cartas e expressões de gratidão, com confissões como: “Eu estava a ponto de desistir e um amigo me deu seu livro”, “Foi como se vocês estivessem lendo as nossas mentes”, “Lemos o livro duas vezes neste último mês” ou “A equipe de nossa missão está lendo o livro e sendo grandemente beneficiada por ele”.

Estamos convencidos de que a mensagem deste livro é mais relevante e necessária hoje do que quando o escrevemos, devido à ênfase onipresente e sub-bíblica no “sucesso” que se abateu sobre a igreja como uma chuva ácida.

Oramos para que o nosso aprendizado acerca do sucesso o ajude a ter uma compreensão cada vez mais aprofundada do que Deus deseja de seus servos — e uma libertação da grave condição desta era.

Kent e Barbara Hughes

CAPÍTULO UM

SONHOS FRUSTRADOS

Enquanto começo a contar nossa história, não suponha ter sido esta a prova mais difícil que me aconteceu no ministério. Não é. A importância da minha experiência não está no seu grau de dificuldade, mas no fato de ela quase ter me feito abandonar o meu chamado divino.

Diz-se que um homem de quarenta e cinco anos está no meio da vida, e eu certamente estou. Também frequentemente se diz que ele está no apogeu, e eu estou também. Sou casado há vinte e cinco anos com uma mulher que é não somente meu amor, mas a minha parceira de alma. Todos os nossos quatro filhos amam a Cristo e desejam servi-lo em seus chamados.

Vinte e três dos nossos vinte e cinco anos de casados foram dedicados ao ministério. Pregiar é minha paixão. Mesmo em férias, gosto de livros sobre a história da pregação, pensamento homilético e teologia. Sinto-me fazendo aquilo para o que nasci.

O ministério possibilitou-me experimentar o que alguns chamariam (imprudentemente!) de sucesso, pois viajei muito, fui preletor em

congressos internacionais, escrevi vários livros e fiz parte de conselhos de organizações cristãs.

Aqueles que serviram comigo nesses mais de vinte anos consideram-me um pastor capaz, sólido e de temperamento estável, com uma abordagem positiva do ministério — e da vida em geral. E, sem hesitação, posso dizer que eles estão certos. Embora não desconheça como pode ser sombrio o desânimo, momentos assim são, e sempre foram, raros em minha vida.

Tudo isso é o que torna o relato a seguir tão esclarecedor.



Não me sentia bem ao descer do carro na entrada escaldante de minha garagem no sul da Califórnia e caminhei, com a pasta na mão, em direção à sombra da varanda da frente. Ali, Barbara saudou-me alegremente através da tela da cozinha.

Consciente do meu crescente abatimento, ela estivera me observando com grande preocupação. Meu passo perdera a energia característica e, frequentemente, eu parecia estar desanimado. Barbara sabia que isso tinha a ver com o meu trabalho, pois observou que, quando as coisas corriam bem na igreja, eu estava bem; caso contrário, ficava desanimado. Se a frequência à igreja aumentava, eu ficava animado; se diminuía, ficava cabisbaixo. E havia algum tempo que os números só diminuía.

O que Barbara não sabia era que eu estava pensando seriamente se deveria continuar no ministério pastoral. Ela também não tinha noção de que as dúvidas que me perturbavam eram, de fato, tão repugnantes que eu me sentia incapaz de verbalizá-las. Ela não tinha como saber que, quanto mais eu as suprimia, mais grave se tornava a minha angústia.

Uma animosidade desarticulada e oculta se infiltrara em minha alma. Ela estava escondida de todos. Anos de civilidade cristã honestamente cultivada me serviram bem — porque, interiormente, eu era um homem muito zangado.

O foco de meu ressentimento era o próprio Deus, aquele que me chamara. Eu entregara *tudo* — todo o meu tempo, todos os meus estudos, anos de ministério e verdadeira devoção cristã (Ele sabia!) — e, agora, eu estava fracassando. A culpa era de Deus.

Sob minha casca pastoral, pensamentos sombrios fluíam livremente.

Por dentro, eu estava envergonhado e com medo. À noite, enquanto me esforçava para dormir, os rostos benevolentes de meus simpatizantes entravam e saíam de foco — sempre sorrindo. Eles pareciam observar-me bondosamente, enquanto eu afundava num poço de miserável desespero.

Eu queria desistir.

Como chegara a esse ponto? Fazendo uma retrospectiva, agora consigo ver que boa parte teve a ver com minhas *expectativas*, que começaram a surgir na semana em que, aos doze anos, encontrei Cristo no acampamento de verão...



Ainda consigo lembrar-me da lente brilhante de minha lanterna iluminando as delicadas páginas de minha minúscula Bíblia. Após as luzes se apagarem, rodeado pelo cheiro de mofo e chulé do saco de dormir, tremendo de alegria, eu lia e relia aqueles tremendos textos sobre a salvação. Eu conhecera Cristo!

Embora não fosse exatamente um adolescente, sabia ter sido chamado a pregar. Minha certeza era tanta que, no dia seguinte, contei a todo mundo. Quando fui para casa, anunciei-o à minha família e dei testemunho diante de toda a igreja. Era um anúncio precoce, mas era de Deus. O chamado nunca me deixaria. Ele deu à minha jovem vida um direcionamento profundo. Deus me salvara e me chamara e, em meu juvenil egocentrismo, *presumi que Ele faria grandes coisas por meu intermédio*.

Por conta dessa experiência, minha adolescência foi plena e focada. Dediquei-me de todo o coração à vida escolar no meu colégio no sul da

Califórnia e à igreja local — e durante todo esse tempo eu crescia com alegria, assumindo a figura de um futuro pastor.

Com apenas dezesseis anos, preguei meu primeiro sermão sobre Jonas e a baleia. Dei-lhe um título duplo: “O covarde do mar, ou Deus tem um plano do tamanho de uma baleia para a sua vida!” Foi, portanto, um sermão de dúbia sagacidade e duvidosa qualidade! O simples fato de prepará-lo confirmou a minha identidade como alguém chamado ao ministério do Evangelho. Muitas pessoas gentis e assertivas de minha igreja predisseram que eu seria um “bom” pregador. E, diante de suas previsões, minha expectativa de sucesso futuro aumentou.

A despeito de meu orgulho imaturo, meu chamado era um assunto extremamente sério para mim. Praticamente tudo o que fiz foi com um olhar de expectativa voltado para o alvo sagrado do ministério.



Fui estudar na universidade Whittier College. Ali, envolvi-me profundamente com os estudos e com a preparação para o pastorado. Fui líder de grupos da Mocidade para Cristo, preguei nas ruas algumas vezes e organizei cruzadas evangelísticas voltadas para alunos de outras faculdades.

Conhecer e casar-me com Barbara — minha esposa alegre, extrovertida e dedicada ao ministério — aprofundaram meu comprometimento e a sensação de que os melhores anos ainda estavam por vir.

A decisão de iniciar uma família ao terminar a faculdade significou mais pressões. Eu frequentava as aulas, trabalhava quarenta horas por semana e, juntos, Barbara e eu iniciamos um empolgante ministério com jovens casados em nossa igreja, que se estendeu durante os nossos anos no Seminário Teológico Talbot, perto de onde morávamos. Com certeza, nossa concentração extrema naquele ministério nos trouxe cansaço, mas éramos felizes.

O seminário foi tudo que eu esperara e muito mais. Há um clima de romance perceptível quando se trata do estudo da Bíblia, “A Rainha das

Ciências”, com suas histórias épicas, doutrinas magistras, sua teologia de delicadas nuances, seu grego e hebraico. E eu fui completamente envolvido por esse romance, pois estudar as Escrituras e aprender sobre Cristo foram o céu para mim. Amizades duradouras com professores e alunos tementes ao Senhor fortaleceram nossa resolução de servir a Deus com tudo que tínhamos. O seminário confirmou o brilho de minha vocação. Ele também teve o efeito de elevar minhas expectativas de sucesso.

Durante o seminário, dei início a memoráveis dez anos de ministério na igreja de minha família, primeiro como pastor de jovens e, depois, como pastor auxiliar. Era a década de 60 — anos inquietos, incertos, mas um tempo de maravilhosa colheita espiritual. Nossos estudos bíblicos transbordavam de adolescentes buscando a verdade de modo honesto e sério. Muitos não só encontraram Cristo, mas prosseguiram, tornando-se missionários e ministros do Evangelho.

O auge desse ministério está emoldurado numa fotografia de 13x18 cm pendurada na entrada de nossa casa. A foto foi tirada em 1968 em Parker, Arizona, durante a semana de evangelização de Páscoa promovida pelos alunos do ensino médio da nossa igreja. Vinha do deserto do Arizona uma intensa luz solar de início de manhã, dando à foto um detalhe quase surrealista. No fundo, aparece o rio Colorado, como uma fita turquesa sob a luz matinal. Em primeiro plano estão cinco rapazes em um reboque de barco, bronzeados e varridos pelo vento, segurando cervejas com uma postura de masculinidade. Três desses rapazes viriam a confessar Cristo naquela manhã. Hoje, dois deles estão no ministério e o outro é um conhecido conselheiro cristão. Aquela foto demonstra, para mim, o poder soberano e inescapável de Deus. Aqueles rapazes, que eu desconhecia totalmente antes daquela semana, experimentaram não somente uma revolução pela graça de Deus, mas têm tido vidas cristãs de uma produtividade rara e são meus bons amigos há quase vinte anos.

Que bom seria se todo ministério cristão fosse tão triunfante quanto aquela fotografia! Infelizmente, o ministério é algo confuso. Vivencia-se

uma ampla gama de decepções e críticas em dez anos de agressivo serviço cristão. Mesmo assim, aqueles foram anos produtivos e satisfatórios. Porém, ao chegar aos trinta e dois anos de idade, percebi que era tempo de começar um ativo ministério de púlpito. O chamado de Deus era claro. E eu mirava adiante, com uma expectativa cultivada havia anos, para ver o que Deus faria.



A igreja em que eu servia decidiu gerar uma nova igreja, tendo-me como pastor fundador. Nessa aventura, a igreja patrocinadora e seu pastor foram maravilhosamente magnânimos. Juntos, produzimos uma excelente apresentação multimídia para comunicar à congregação o potencial do novo trabalho. Quando o pastor conclamou todos a responderem quem sentia o chamado de Deus para comprometer-se a implantar essa nova igreja, vinte famílias decidiram ir conosco. Para completar, a igreja nos abençoou com uma doação de 50 mil dólares para iniciarmos.

Que boa maneira de se começar uma igreja! O otimismo era enorme. Como alguém com um futuro promissor pela frente, ouvi de meus amigos que grandes coisas estavam para acontecer e não haveria de demorar para a nova igreja tornar-se maior do que a igreja mãe. Conversas desse tipo só aumentaram ainda mais minhas expectativas. Eu acreditava nisso.

As pessoas que se uniram a nós para iniciar a igreja eram formidáveis. Saíamos de nossas primeiras reuniões admirados com a diversidade de pessoas cheias de dons, trabalhadoras e visionárias que o Senhor trouxera conosco. Com tais pessoas, esperávamos crescer.

E fizemos as coisas “do jeito certo”. Nossa denominação mantinha um especialista em crescimento de igrejas, que nos instruiu desde os princípios mais abrangentes até as menores sutilezas relacionadas ao crescimento de igrejas. Eles me enviaram a seminários sobre o assunto. Conseguimos fotos aéreas e projeções demográficas, contratamos estudos etnográficos, consultamos o município e escolhemos a comunidade alvo com meticulosa premeditação e oração.

Iniciar uma nova igreja é um trabalho exaustivo, e nos entregamos totalmente a ele. Eu participava de reuniões, criava estratégias, prospectava, aconselhava, preparava sermões; pedia emprestados pianos, pianistas, projetores e púlpitos. Então, chegou o momento de começarmos o ritual dominical de preparar as instalações alugadas para os cultos de adoração — eliminando o lixo do centro comunitário, ajudando a empresa de transportes a descarregar o grande caminhão baú contendo púlpito, microfones, hinários, tapetes, berços e cercados; e depois, à noite, trabalhava com feliz *cordialidade* cristã com toda a congregação para desmontar e embalar nossa igreja para outra semana.

Desde o início, tudo esteve ao nosso favor. Tivemos as orações e predições de nossos amigos que acreditavam que uma vasta e crescente obra era inevitável. Tivemos as sofisticadas revelações da ciência com relação ao crescimento de igrejas. Contamos com um esplêndido núcleo de crentes. E tivemos a *mim*, um jovem pastor com bom histórico, que entrava em seu apogeu. Esperávamos crescer.

Porém, para o nosso espanto e retumbante decepção, não crescemos. De fato, após um tempo considerável e de muito trabalho, tínhamos menos frequentadores regulares do que durante os primeiros seis meses. Nossa igreja estava encolhendo e as perspectivas eram as piores possíveis.



Então, ao caminhar pela entrada de minha garagem naquele dia quente de verão em 1975, após mais de uma década de ministério, comecei a perder o equilíbrio. Meu mundo de brilhantes perspectivas e sucesso, há tempos estabelecido, havia ruído diante de meus olhos.

Eu estava na mais sombria e profunda crise de minha vida. Minha memória desse tempo é a de um mar cinzento e nublado sem horizonte a vista. Visualizo uma tênue luz vindo de um céu ameaçador enquanto eu sozinho luto para manter minha cabeça fora d'água, mas estou afundando.

Logo estarei abaixo da superfície. É um quadro melodramático, com certeza! Mas era assim que eu me sentia. Eu queria desistir.

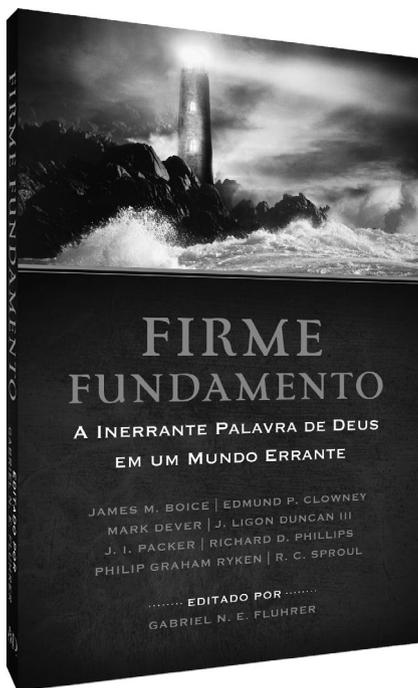
Ao ver o sorriso de Barbara através da tela, animei-me, como sempre, e durante as horas que se seguiram, preocupei-me com a minha alegre e jovem família. Mas, após o jantar, quando os filhos foram dormir, o abatimento voltou a me acometer.

Exceto a minha esposa, parecia que ninguém se importava. E naquela meia-noite quente de verão da alma, eu estava pronto para falar.

SOBRE OS AUTORES

KENT HUGHES é doutor (D. Min.) pela Trinity Evangelical Divinity School e pastor emérito da College Church em Wheaton, Illinois, EUA. Com mais de quarenta anos no ministério, o autor, editor e conferencista tem mais de vinte e cinco livros publicados. Sua esposa, *Barbara*, por sua vez, é também autora e continua ativa no ministério junto às mulheres. Eles têm quatro filhos e um número crescente de netos.

LEIA TAMBÉM:

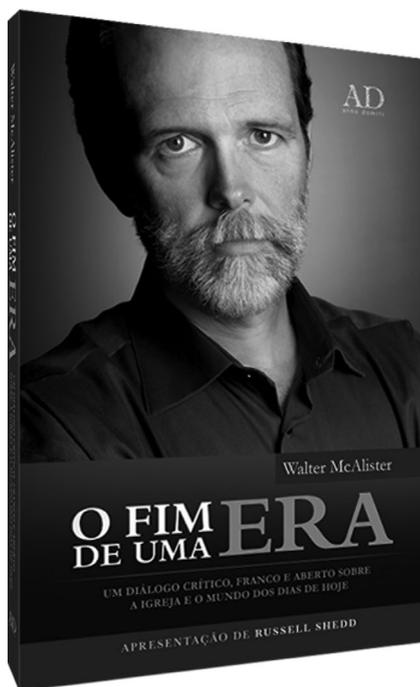


“Quero conhecer uma coisa, o caminho para o céu... O próprio Deus foi condescendente em ensinar o caminho... Ele o escreveu em um livro. Deem-me esse livro! A qualquer preço, deem-me o livro de Deus!” **John Wesley**

Este é um livro sobre O Livro. Desde o início, a Palavra de Deus tem norteado os rumos da Igreja, apesar de diversas acusações e tentativas de desacreditá-la. Novamente, precisamos reafirmar a Bíblia como a inerrante Palavra de Deus.

Se você ama a Palavra de Deus e deseja conhecê-la melhor, não deixe de adquirir *Firme Fundamento: a inerrante Palavra de Deus em um mundo errante*.

LEIA TAMBÉM:



“É altamente possível que a Igreja como nós a conhecemos hoje esteja prestes a desaparecer. Minha oração é que a Igreja, depois da sua falência e a falência desta era em que vivemos, ressurgirá forte como um testemunho da luz e da verdade.” **Walter McAlister**

Este livro traz um alerta à igreja de forma clara e pastoral apontando o caminho para que ela volte a testemunhar de Cristo de forma fiel e bíblica.

O Fim de uma Era é leitura indispensável a todos aqueles que amam a Igreja e desejam ardentemente que ela volte a andar no caminho de Cristo.

 /annodomini.editora

 /edannodomini